

Leitura d*O invasor**

Luciano Barbosa Justino**
Waldívia de Macêdo Oliveira***

Resumo

Nosso objetivo neste artigo é fazer uma leitura da novela *O invasor*, de Marçal Aquino, com o intuito de avaliar em que medida os movimentos de sentido da obra centrados nos três protagonistas não conseguem conter os muitos furos que os contatos e os contágios com os “outros da trama” potencializam. Partimos da premissa de que *O invasor* é um texto sobre os encontros com a alteridade a exigir da leitura uma ética política que seja capaz de desvelar aquilo mesmo que o realismo literário nega por sob a máscara da objetividade. Para tanto, compreendemos o realismo como um modo necessariamente ambivalente e barroco de semiotizar tais encontros, é tanto clausura como potência de diferenciação. Dar conta dos silenciamentos que um real sempre em falta encena é a tarefa da crítica como leitura à revelia da própria obra, em uma tal leitura é a primeiridade dos segundos que revela toda a riqueza dos muitos.

Palavras-chave

O invasor; Marçal Aquino; leitura; crítica; exterioridade

Abstract

This paper aims to propose an interpretation for Marçal Aquino, *O Invasor* (2002), in order to evaluate how the meanings attributed to the novel's three protagonists are unable to contain the many holes amplified by the contacts and the contagions with other characters. We assume that “O invasor” consists in a text in which the alterities meetings require such a reading to provide a political ethics that is able to present the denied by the literary realism beneath the objectivity. To do so, we understand the realism as an ambiguous and baroque way of interpretation, some kind of semiology of those meetings mentioned before, being as enclosure as differentiation potency. To manage the silences that an always missing real is the job of a critique that rises from interpretations made in spite of the pieces themselves. Such an interpretation makes the “primeiridade” of the second a revelation of the richness of the many.

Keywords

O invasor; Marçal Aquino; interpretation; critique; exteriority

* Texto de autor convidado.

** Doutor em Letras e Linguística pela UFPE. Coordenador do Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da UEPB.

*** Graduada em Letras pela UEPB. Aluna de mestrado no Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da UEPB.

DOIS PROTAGONISTAS DO LIVRO *O INVASOR*, DE MARÇAL DE AQUINO (2002), Ivan e Alaor, resolvem matar um terceiro, Estevão, sócio majoritário da empresa na qual trabalham e da qual são também sócios. Ambos temem a “ascensão financeira”, mas não só financeira, do parceiro, mais disciplinado e com mais recursos, capaz inclusive de comprar a parte dos dois na empresa. Decidem contratar um assassino profissional, Anísio, para matá-lo.

Consumado o crime, Anísio deixa em aberto o restante do pagamento a que tinha direito, opera o problema da fronteira entre “mundos éticos” que até ali pareciam estar separados por uma fronteira menos tênue, menos atravessável, mais territorialmente distribuída: “cada macaco no seu galho”. Anísio é o terceiro elo para o movimento de sentido estruturante da trama.

O que estamos chamando de “movimento de sentido dominante da trama” é o modo como se constroem as articulações, como se formam as séries, discursivas e extradiscursivas, como ganham estruturalidade certas repetições, certas funções-clichê que envolvem a enunciação sem explicitar no enunciado os mundos éticos de Anísio, Alaor e Ivan. No “movimento de sentido dominante da trama”, os mundos éticos dos três confluem para um só e mesmo mundo ético, três modos de dizer funcionam como um modo de ser.

A confluência desses mundos que “um movimento de sentido da trama” reforça não pode, contudo, estar sozinha. Nenhum corpo está só, nem mesmo um corpo com órgãos. Os outros mundos do mundo esfregam a toda vez as muitas incompletudes, contradições, ambivalências, fragilidades que toda comunidade atávica produz no ato mesmo de se fechar num dito.

Dito de outra maneira, as operações de contato e de contágio que dão dinamicidade à constituição do enredo, engrenadas por Alaor e Anísio nas palavras de Ivan, o núcleo que dá estruturalidade à narrativa, sempre do ponto de vista de Ivan, o narrador-protagonista, amarram os próprios pontos de fuga que uma tal relação, que um tal contágio potencializa, mas não consegue contê-las de todo.

Para pensar esses outros do mundo n*O invasor*, principalmente a partir do modo como aparecem Marina, Claudino e “uma mulata”, nossa atenção volta-se para esses outros movimentos de sentido que o texto silencia, evoca marginalmente, sempre pra *a(s)cender* o núcleo estruturante da trinca, mas que não pode deixar de enunciar.

Nosso interesse volta-se, assim, para a primeiridade dos segundos, para os movimentos centrífugos da comunidade de sentido da obra.

São os muitos que nos interessam, aquelas operações de produção material e imaterial que relativizam as mentiras e as verdades do núcleo central da trama. Mas a leitura não pode negligenciar o protagonismo dos protagonistas, afinal é deles que se conta, é deles tudo o que nos é dito, notadamente de um deles, Ivan.

Procurar esses muitos sem negligenciar os poucos que podem falar exige uma leitura barroca, ambivalente, crioula. Crioula porque toda linguagem poética, e *O invasor* é “linguagem poética”, excede o realismo, pressupõe um encontro com os fora do texto de uma maneira que só a literatura pode fazer ou repropor. É nela que os muitos mundos possíveis são semiotizados de uma maneira singular que apenas a literatura, autoengano metodológico, é capaz de fazer deste jeito, do jeito que a literatura faz, com toda tautologia possível que é sempre uma ameaça do nome.

É crioula porque a literatura como um lugar do encontro, da opacidade do encontro sob a forma da escrita e da leitura, do procedimento de escrever/ler, é barroca em seu estatuto, se propõe um alto grau de enunciação pressuposta no enunciado, seja realismo ou simulação, no sistema semiótico mais característico da ausência do mundo, a escrita fonética. Ela propõe um desafio que nenhuma outra linguagem, código ou sistema pode propor, encontrar esses fora do mundo sem que o mundo, *este* mundo, apareça.

I.

Toda narrativa “desobra”, pra lembrar Peter Pál Pelbart, o real do realismo porque todo encontro com um real é sempre faltoso (FOSTER, 2014, p. 128). *O invasor* é uma novela realista. O real do realismo é tanto uma clausura quanto uma potência de diferenciação, por isso não partimos de uma relação litigiosa com o realismo, antes o consideramos um dos “objetos imediatos” do encontro, no sentido peirceano do termo, uma “individualidade constituída” (DELEUZE, 1996, p. 50) da qual é preciso extrair o “impulso total do objeto”, a sua “névoa de imagens virtuais” (DELEUZE, 1996, p. 49).

O realismo atualiza o lugar comum na narrativa. É do lugar comum que queremos tirar essas potências de diferenciação, sem descuidar das clausuras sob as quais o lugar comum é enunciado. Em *O invasor*, podemos depreender o lugar comum como expropriação, estandardização da partilha no clichê.

Mas em seus furos e em sua incompletude está “a capacidade de invenção de novos desejos e novas crenças” (PELBART, 2011, p. 30). O lugar comum é o que se deve evitar em toda leitura literária, sempre afeita aos lugares especiais, mas é também

de onde se deve sempre pensar “as modulações insólitas, articulações imprevistas” (VIRNO, 2013, p. 70).

Assim, a distinção entre “palavra bruta” e “palavra essencial” que Maurice Blanchot (2011, p. 32) vai buscar em Mallarmé deve ser operada de outra maneira, embotando mesmo a distinção entre linguagem cotidiana e linguagem poética, pensando as duas como discursividades inseridas num espaço plural que aciona toda vez processos de hibridização e diferenciação, um espaço em que nunca se está só.

A literatura abre mão de seus “lugares especiais” para lidar, sem crise nem culpa, com o “lugar comum”. Ela se torna, do ponto de vista de uma operação crítica de leitura, o lugar onde o comum e o seu sequestro em clausuras estigmatizantes podem ser vislumbrados como um “reservatório de singularidades em variação contínua, uma matéria aorgânica, um corpo-sem-órgão, um ilimitado (*apeiron*) apto às individualizações as mais diversas” (PELBART, 2011, p. 30). Nossa operação de leitura deve consistir, portanto, em “acompanhar as conexões variáveis, as relações de velocidade e lentidão, a matéria anônima e impalpável, dissolvendo formas e pessoas, estratos e sujeitos, liberando movimentos, extraindo partículas e afetos. É um plano de proliferação, de povoamento e de contágio” (PELBART, 2011, p. 30).

Se a clausura impõe um laço totalizante, o comum é o que desliga de uma comunidade totalitária, vacuizada e espetacularizada. O comum é um “movimento convulsivo dos seres que se buscam uns aos outros” (PELBART, 2011, p. 36).

Por isso mesmo, o núcleo triádico de protagonistas não tem para nós a centralidade dos centros, embora não deixe de ser importante, repita-se. Nosso exercício de ler propõe um movimento para fora da comunidade de sentido da obra e de suas premissas.

Quais seriam as premissas da comunidade de sentido de obra? Partamos de uma sugestão de Roger Chartier: “múltiplos dispositivos (filosóficos, estéticos, jurídicos) esforçam-se para reduzir a diversidade, postulando a existência de uma obra idêntica a si mesma, de modo independente de sua forma” (2007, p. 16).

A comunidade de sentido está na relação entre “múltiplos dispositivos”, identidade, independência de forma. Os três “dispositivos”, materiais e imateriais, existem num cruzamento incessante de: 1. componentes técnicos dos quais o livro é um deles, não necessariamente o principal; 2. princípios de identidade e de individualização, do conflito psicológico do sujeito contemporâneo de “classe média” dos protagonistas e de seu narrador ao estigma, do “preto, pobre, prostituta” reiterado através de um

silenciamento tagarela ao longo de toda a narrativa sempre que se está diante dos muitos; 3. formas de vida que, reduzidas à quase mudez da subalternização estigmatizante pela comunidade de sentido da obra, indicializam “novas configurações potentes do mundo” (COCCO, 2009, p. 16).

Mesmo sob o estigma, os movimentos de exteriorização necessariamente *desobram*, desafiam a lei e a ordem do discurso. “Reduzir a diversidade” não é apenas função de toda pulsão realista, é de toda pulsão languageira. Nomear é sempre um atraso e uma mentira, que nunca dá conta dos objetos dinâmicos e de seus dinamismos. É dessa obviedade que partimos para lançar algum vislumbre sobre os pontos de fuga que fazem desobrar a obra.

Em outras palavras, expandindo-se a trinca do fechamento da obra de Roger Chartier, ler pressupõe a expansão da comunidade de sentido, de sua identidade e independência, para “vivenciar o outro do mundo” – Tatiana Salem Levy lendo Maurice Blanchot (2011, p. 27) –, em cuja relação inseparável, paradoxalmente sem que haja qualquer fora, estão o narrador, seus protagonistas e o que estou chamando comunidade de sentido da obra, o mundo ético pressuposto em seu enunciado.

De certo modo, trata-se de encontrar as muitas máquinas dos muitos. Para lembrar Gilles Deleuze e Félix Guattari, essa curta novela põe em cena, inclusive pelo silenciamento, “máquinas molares e moleculares, multiplicidades de todo tipo” (1995, p. 11), afetivas, sociais, abstratas, tecnológicas, agenciamentos maquínicos. Ler como um exercício de buscar “os mundos fora do texto” (BUCK-MORSS, 2002), dos quais este é o resultado de certa operação de sentido, não a origem.

O exercício de leitura que nos propomos se pergunta como se dá, como funciona mesmo, no sentido mais vulgar da palavra *funcionar*, o processo de semiotização desses foras do núcleo de sentido estruturante da trama. Marina, Claudino e “a mulata” são encontros fortuitos, *desimportantes*, com o narrador e seus protagonistas, mas também experiência de vida à revelia da obra, na medida em que não falam já estão universalmente ditas.

A multiplicidade desencadeia um enredo de encontros agônicos com a alteridade, negá-la em sua condição “de possibilidade de um olhar aberto sobre a realidade” (DURANTE, 2007, p. 19) talvez seja a moral do conflito psicológico de Ivan.

A crítica como exercício de leitura não pode mais se reduzir à busca de desvendar os movimentos de sentido pressupostos pela obra, cuja finalidade última seria

redizê-los em paráfrases quase sempre “tautológicas”. A crítica como exercício de leitura nunca deve esquecer, também, de negá-los. Um tal exercício impõe um duplo movimento, o de compreender aquilo que a obra silencia, as muitas potências dos muitos com sua irreduzível riqueza, e os falares subalternizantes que a língua obriga a dizer, inclusive a língua da crítica e da leitura, à revelia do próprio autor.

Entende-se que as duas operações da crítica são no fundo uma só, descortinar na obra os sentidos que estão alhures do dito. O ato crítico, nesse caso, consiste em trabalhar “contra a subalternidade”, fazer aquela operação sugerida por Roland Barthes, transformar “uma relação corrente numa relação fundamental e esta numa relação escandalosa” (2011, p. 23), para que a obra torne-se, assim, “depositária de um imenso e incessante inquérito sobre as palavras” (2011, p. 54) porque “a linguagem não cessa, precisamente, de alternar os papéis e de rodar as superfícies em torno de algo que, para acabar e para começar, não é” (2011, p. 27).

Consideramos, sob este aspecto, o livro de Marçal Aquino um “livro exemplar” para nos propormos esse exercício crítico, porque se dar nome aos que “invadem” é um de seus movimentos de sentido mais importantes, o que ele silencia, seu “corte narrativo”, pra lembrar as histórias em quadrinhos, é tagarela.

II.

É um problema tratar a alteridade universalmente, pois o encontro só existe nas relações políticas, econômicas, étnicas, culturais, históricas, de afeto e modo de vida sobre os quais nada pode ser enunciado sem que um meio ambiente pregnante a territorialize. As dimensões simbólicas e das ideias, o trabalho imaterial implicado nos textos literários, os processos cognitivos e psicológicos, articulam-se a estratos sociais de muitas dimensões, sempre singulares e “atuais”. Para começar, nO *invasor*, o narrador, Ivan, enuncia o *agon* de sua relação com Anísio: “Era um homem atarracado, de braços fortes e mãos grandes. Tinha a pele bem morena, olhos verdes e usava o cabelo crespo penteado para trás. Um das dessas misturas que o Nordeste brasileiro produz com certa frequência” (AQUINO, 2002, p. 10).

A relação agônica se dá inclusive na organização da trama. O *Invasor*, Anísio, é estranho à própria narrativa, que se propõe um outro movimento dominante, mais “linear”, mais “literário”, no qual os mundos éticos estruturantes são Almor e, principalmente, Ivan e seus dilemas... éticos. A delimitação mesquinha de Anísio e de seus muitos permanece intacta. Em nenhuma hipótese ele se “salva”.

Tomemos algumas palavras-chave do fragmento: “homem atarracado”, “braços fortes”, “mãos grandes”, “pele bem morena”, “que o nordeste brasileiro produz com certa frequência”. A relação entre o matador, Anísio, e o nordeste brasileiro é por si só um problema a ser avaliado. O vínculo revela não uma relação “necessária” entre eles, revela uma relação escandalosa. Senão vejamos na sequência do fragmento:

Dá só uma olhada no povo desse lugar: tudo cara fodido, de pele manchada, cabelo ruim, faltando dente, unha preta. Qualquer um é capaz de perceber que vocês não são daqui. Se eu der a mão para o sujeito então, sou capaz até de falar se ele já trabalhou no pesado algum dia. Não tem erro.

Anísio acendeu um cigarro e olhou para Alaor. Você, por exemplo, nunca precisou pegar no batente. Dá pra ver isso pela sua mão. Lisinha, lisinha.

Achei aquilo divertido e gostei de Anísio. Alaor olhou para as palmas das mãos e riu.

Eu e Alaor tínhamos nos conhecido na Escola Politécnica e, naquela época, ele ainda era sustentado pelo pai. Só começou a trabalhar quando abrimos a construtora. Se bem que supervisionar serviço de peão nunca foi trabalho pesado.

Seu caso é um pouco diferente, Anísio voltou-se para mim. Você já trampou pesado, mas faz muito tempo, não é isso?

Era. Quando meu pai morreu, eu tinha 15 anos. E, de repente, precisei ir à luta. Ajudei a sustentar minha casa e paguei meus estudos — e tenho orgulho disso. (2002, p.11)

Anísio personifica os “enquadramentos da ralé”, o princípio da relação que “só pode ser empregada enquanto mero corpo, mero dispêndio de energia muscular” (SOUZA, 2011, p. 24). O “tudo cara fudido” de Anísio encontra em Ivan e Alaor os seus receptores “ideais”: “achei aquilo divertido e gostei de Anísio”. A fala de Anísio é tautológica, narcísica, replica aquilo mesmo que Ivan e Alaor vieram “procurar”.

A dupla representação da alteridade, falar por e “organizar numa obra” (SPIVAK, 2010), impõe-se como mediação silenciante. Os mediadores, os que detêm o poder da fala, que não são apenas Ivan e Alaor, trabalham contra os movimentos de diferenciação, que só podem ser afirmados como energia muscular ou “corpo vendido a baixo preço”. Na comunidade de sentido da obra, Ivan e Alaor só podem concordar com Anísio, falando a mesma língua: “Alaor olhou para as palmas das mãos e riu” e “Era. Quando meu pai morreu, eu tinha 15 anos”.

Ivan e Alaor sugerem, sempre na fala de Anísio, *o que sabe*, a riqueza e a diferença. Do outro lado, o “povo”, um uno uniformizado, “tudo cara fudido”. Portanto, Anísio não representa um outro movimento de sentido, ele é motor dos movimentos do mesmo, das dinâmicas da tautologia subalternizante na medida em que o “povo deste lugar” aparece como uma massa indiferenciada, individualidade sem singularidade, indiferenciada numa unidade paradoxal que une o povo à massa, fazendo-os se repetir,

se reafirmar como duas idades ou dois ritmos do mesmo. Ambos, tanto povo quanto massa, são unos; um, passivo e “trabalhador”, etnia anexada ao “trabalho produtivo útil”, com ele contígua e condicionada, pelo outro, multiplicação violenta e perigosa, suja e “ruim”, que causa temor e medo à estabilidade e consumo, aos desejos efêmeros do espetáculo-massa.

O fragmento constrói uma série de oposições que não podem ser pensadas como diferenças, mas como tautologia. O 2 aqui serve apenas para afirmar o 1. Diga-se, Anísio não constitui um 3, ele está em algum hall ou umbral entre Alaor e Ivan, mas nunca fora do 1. Os 3 perfazem o mesmo movimento de sentido, a mesma linha reta. A arrogância de Anísio com “os seus”, expressão que aqui não faz nenhum sentido, é a arrogância de Ivan e de Alaor e que será em breve usada contra ele, transformada em moeda comum das relações protagonizadas pelos 3.

Há uma proliferação de 2, senão vejamos: “tudo cara fudido”/“você não são daqui”; “ele já trabalhou no pesado algum dia”/“lisinha, lisinha”; “Ajudei a sustentar minha casa e paguei meus estudos”/“nunca precisou pegar no batente”. A dicotomia só reafirma a unidade, cujo fim é demarcar uma fronteira tácita entre a potência ontológica dos protagonistas e a monstruosidade estigmatizante da multidão lá fora como povo e massa.

Mas a narrativa não para aí, ela continua sua fluência no seu próprio silêncio. O “tudo cara fudido” produz, para além dos olhos do narrador e de sua comunidade discursiva. Há uma monstruosidade irrepresentável no real do realismo, a multidão lá fora, incrustada nele como pulsão excêntrica, inominável, rebelde e nômade, a multidão como virtualidade para além do dito, “expansão infinita da linguagem”, “onde desaparece o sujeito que fala”, “fora de qualquer subjetividade para dele fazer surgir os limites como vindos do exterior, enunciar seu fim, fazer cintilar sua dispersão e acolher apenas sua invisível ausência” (FOUCAULT, 2001, p. 222). Tomemos a invenção de “uma mulata”:

Uma mulata saiu da casa em frente, empurrando um carrinho de bebê, e atravessou a rua.

Eu não posso fazer isso, eu falei e minha voz tremeu outra vez. A mulata passou com o carrinho a nossa frente, caminhando devagar. O bebê tinha a pele bem clara, grandes olhos azuis e apenas um fiapo de cabelo loiro no alto da cabeça. Alaor se curvou e brincou com ele, movimentando os dedos à frente de seu rosto. A mulata sorriu, exibindo dentes enormes e muito brancos. Ficamos em silêncio, enquanto ela se afastava no mesmo passo lento.

Alaor, sem tirar os olhos do traseiro da mulher: Não adianta espernear, Ivan, é um pouco tarde para arrependimentos. Já pensou chegar agora para o

Anísio e dizer que a gente desistiu e que, se ele quiser, pode até ficar com os 10 mil que demos de sinal? Porra, eu não gosto nem de imaginar o que ele faria.

– A mulata chegara ao final da quadra em seu passeio com o bebê e agora retornava.

Sei até o que o Estevão gosta de fazer com ela [*com a prostituta* da casa de ninfetas], Alaor disse. Quando a mulata se aproximou do tapume, o encarregado endireitou os ombros e encarou-a de forma direta. Tive a impressão de que ele fazia um grande esforço para encolher a barriga (AQUINO, 2002, p. 48).

A mulata enquanto tal, enquanto real do realismo, define os limites e marca o “alcance das dinâmicas do nós” (APPADURAI, 2009, p. 45). “Dentes enormes”, “se arrastava”, “passo lento”, “traseiro da mulher”. Mas ela arrasta um carrinho que vai de nada a lugar nenhum. Ou melhor, vai do corpo erotizado do trabalho produtivo útil à passagem que o deambular, ao mesmo tempo útil e “gratuito”, aponta para aberturas inominadas de que a presença do “encarregado” na arrogância das palavras do narrador é indício, “tive a impressão de que ele fazia um grande esforço para encolher a barriga”.

Se como ralé do corpo erotizado, ela, contudo, se revela na sua potência de pobre, a leitura não pode parar no nome dela inventado pelo real do realismo. Ler se transforma num desdobramento das obras não contidas na obra.

O carrinho como tecnologia no trabalho e deambulação mereceria um capítulo à parte. A sobriedade, a justeza da frase, “uma mulata saiu da casa em frente, empurrando um carrinho de bebê, e atravessou a rua”, é própria de um real sem cesura que se constitui na confluência de três caracteres: um corpo-identidade, uma técnica e um estado; um sujeito, uma máquina, uma lei. É esse movimento centrípeto de três que reafirma a sub-humanidade do outro como incapacidade de civilizar-se, a lei; e como inadaptabilidade à vida do trabalho materialmente útil sob o capitalismo, a ordem.

A “mulata”, sua singularidade e seus movimentos de exterioridade para além do nome e de seu realismo fetichista, excede a comunidade de sentido do narrador, a atravessa com um “carrinho de bebê”, num quadro maior de agentes e agências fora da textualidade do texto cujo funcionamento *lá fora* à crítica cabe fazer falar para dar conta da abertura radical que mantém acesa a “ansiedade da incompletude” que, a custo de resolver “pelo nome próprio” uma tal incompletude, a mantém viva nas bordas do texto e de seus movimentos dominantes de sentido.

A mulata, o encarregado, como Marina, Claudino e os “empregados da firma” noutra ponta, na medida em que são movimento e devir, mantém aceso o perigo da troca

de lugar, põem em risco a ordem das partilhas e da demarcação do território inerentes ao número 1. Enquanto tais, eles exercem a função incômoda do zero.

Se Arjun Appadurai sugere que o zero “é a chave numérica da idéia de massa” (2009, p. 51), nós afirmamos que é o zero que produz a multidão. *O invasor* é uma “novela de multidão”, locução sugestiva, porque ela “encena”, e essa talvez seja uma característica incômoda de todo realismo, uma comunidade de “não-nós”, inventada como massa fetichizada na corporeidade mais animalizante e sexuada, potência reduzida ao trabalho produtivo útil ou à sexualidade sem demanda, sem afeto, sem gravidade.

Queremos compreender o zero como chave numérica da multidão apenas em um sentido dos muitos que Appadurai enumera: “os pequenos números *também* são fonte de preocupação porque levantam o fantasma da conspiração, da célula, do espião, do traidor, do dissidente ou revolucionário” (APPADURAI, 2009, p. 52 – grifo nosso).

Toda a narrativa de Ivan é atravessada pelas potências do zero a que ele submete e pelo qual é submetido todos os “não-nós”. Por isso mesmo, como uma interessante réplica bakhtineana, o livro é uma *resposta* ao mal-estar da pureza incompleta dos protagonistas; a primeiridade dos segundos agonizam as substantividades do número 1. Sendo o zero da multidão um obstáculo à “ânsia de purificar” (p. 47), o livro é uma réplica à relação com “essa gente”.

O trabalho imaterial destes personagens os coloca para além de seu “trabalho produtivo útil”. Neles cruzam-se os mundos possíveis da obra à revelia da comunidade discursiva do narrador e, no limite, do próprio Anísio. Eles embaralham os pertencimentos simples ao tensionar “o estrato dos proprietários”, ao funcionarem como passadores, na acepção de Daniel Castillo Durante, os que praticam “o deslocamento para o outro como única via de acesso ao auto-desmascaramento” (2007, p. 19).

Referências

AQUINO, Marçal. *O invasor*. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

APPADURAI, Arjun. *O medo do pequeno número*. São Paulo: Iluminuras, 2009.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

- BUCK-MORSS, Susan. *Dialética do olhar*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- CHARTIER, Roger. Mistério estético e materialidades da escrita. In: *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura*. São Paulo: UNESP, 2007.
- COCCO, Giuseppe. *Mundo-Braz: o devir-mundo do Brasil e o devir-Brasil do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- DELEUZE, Gilles. O atual e o virtual. In: ALLIEZ, Éric. *Deleuze filosofia virtual*. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. V. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DURANTE, Daniel Castillo. Alteridade e reflexão intercultural. In: *Revista Sociopoética*. V. 1. Campina Grande: EDUEP, 2007.
- FOUCAULT, Michel. O pensamento da exterioridade. In: *Ditos e escritos III: estética, literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FOSTER, Hal. *O retorno do real*. São Paulo: Iluminuras, 2014.
- LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- PELBART, Peter Pal. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- SOUSA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- VIRNO, Paolo. *Gramática da multidão*. São Paulo: Annablume, 2013.